

3^a Parte

Prosa de Ficção

Marcelino Calça Preta

José Costa Matos

A primeira intriga que Marcelino Calça Preta embaralhou nestas redondezas me arrumou uma querela doméstica. Coisas de mulher ciumenta que fica enxergando pernas em minhoca. Passei uma semana de castigo: comendo sem sal, vestindo ceroulas sem botões, o meu lençolzinho de orelhas dormindo trancado noutra alcova. A plena paz conjugal só voltou, e num depois muito mais futuro, com a notícia de um caso de pintura do cão. Testemunhada, lá em cima da serra, por um compadre que nos visitava, a capetagem soltou o medo nas noites da fazenda e me trouxe, de volta, a esposa ao leito comum.

O seguinte foi este: o diabo serrano quebrador de pratos cresceu na imaginação da mulher e, em certa noite de muito frio, quando os ratos pandegavam entre as panelas da cozinha, ela me chamou para o competente exorcismo. Fácil ver que ali não laborava pintura do capeta. Estas coisas, hoje em dia, têm medo de ronco de avião e de cantiga de rádio, que são artes muito mais encapetadas. Bati palmas no escuro, espantei a rataria e ela me ficou agradecida. Foi um novo casamento, assim de bom! Ainda me disse que mulher sem marido não é gente. Nada como um hominho para impor respeito ao sobrenatural, numa noite de visagens.

Pensei em aplicar uma disciplina em Marcelino Calça Preta, mas, depois, tive pena dele. Não era decente bater num sujeitozinho mofino, caboclo do oco-do-mundo, acostado, havia pouco, ao serviço da fazenda. Mas, nestes casos, Manuel Mombaça é sempre porém. Logo que soube do acontecido, o demônio do negro pegou o Calça Preta no curral, ali ao nascer do sol, pespegou-lhe três tabefes corretivos, foram três quedas de mau jeito, com o focinho do detrator enterrado na esterqueira ainda fumegante. O negro nunca soube perdoar a quem me ofende e é doido por uma ordem minha que encomende um malffeito.

Depois disso, Marcelino Calça Preta entrou na estrada grande, ficou cabresteiro, doméstico, virou utensílio das cozinheiras, sem que essa privança me desse maiores cuidados. Quando vi que minha mulher lhe tinha certa gratidão pela denúncia, remunerada pelos murros de Manuel Mombaça, chamei-o de parte, preguei-lhe as excelências da discricção, virtude dos homens verdadeiramente machos. Ele entendeu até bem o sermão: deixou de morder o meu comportamento e nunca mais tagarelou na cozinha sobre essas vaidagens que qualquer homem aprecia. Gostei de ver a regeneração.

Vivido e corrido no mundo, Marcelino Calça Preta percebeu que não sou insensível às insuficiências de conduta dos outros. Por isso, traz agora em dia, para mim, a contabilidade de quanta prevaricação miúda ocorre nos arredores. Moça ou mulher casada que se transvia entra no relatório, com horas e locais propícios, com poucos erros de cálculo. Não o estímulo, mas não o desencorajo. Se é que ele não viu um adjutório por esses serviços na garrota zebu que lhe dei na semana passada.

Manuel Mombaça não vê com muita santidade o progresso de Marcelino Calça Preta na minha confiança. Parece advertir-me com o olhar escuro que a hora está pedindo corte nas cheganças oferecidas ao estrangeiro intrometido. Na verdade o diabo do caboclo é uma espécie de querosene na vida da gente: pingar é espalhar.

Não sei por que esse expansionismo de Marcelino Calça Preta me lembra sempre o queixume idiota dos Moquecas, toda vez que a minha cerca de arame se desvia um pouco para o lado deles, sob o comando de Manuel Mombaça, negro suficiente na escolha de chão firme, bom para fincar estacas.

Falei nos erros de cálculo de Marcelino Calça Preta. Duas ou três notícias falsas de safadezas de vizinhos. Fui verificar e só encontrei mulheres sérias, cuidando dos filhos crianças, deitando-se apenas com os maridos da lei do padre. Confusão de todos os diabos. O apreço que já me conquistou a sua inventiva é que me impediu de censurá-lo por esses alvoroços fantasiosos sobre intenções que as pobres nem tinham.

É interessante ver um sujeito encaminhar para o fabuloso ocorrências bestas, das quais até participamos também, e ele, sobranceiro à verdade testemunhal, indiferente à nossa presença,

todo engolfado na necessidade de fantasiar. Na sua palavra, tudo se amplia em tragédia ou comicidade. O homem é um cinema. Não raro, delegados do invisível se materializam na vida de Marcelino Calça Preta, como se fosse ele um predestinado a viver além do tédio, essa coisa que faz a gente inventar catinga nas mulheres bonitas muito repetidas. Nem todos podem ver criaturas do outro mundo no tronco de árvore que ficou branco para espiar a lua, numa beira de estrada.

Em certa noite de quinta para sexta-feira, por exemplo, numa encruzilhada deserta, caiu-lhe em cima o lobisomem, passou-lhe as unhas em ancinho sobre a farda de cáqui (era soldado, então), rompeu-lhe a túnica e o cinto de couro, e os rasgos estavam ali, do umbigo até o joelho.

- Tenho ainda as marcas, - e abre fugazmente a camisa para mostrar umas cicatrizes equívocas.

Neste ponto da narrativa, Maria das Sete Negras se benze e as sete filhas repetem o gesto pio de esconjuro. O realismo do narrador chega a meter-lhes pelas ventas largas o fartum de bode pai-de-chiqueiro do lobisomem.

- Pois, credo! Não sei como a mincê não morreu, seu Marcelino!

- Não tinha chegado a hora, Dona Maria. Não vê que o dia vinha clareando, o bicho estava cansado e sem agilidade. Com certeza, já tinha corrido sete províncias, comido o sujo das galinhas de sete poleiros e bebido a água de sete olhos-d'água, como está determinado na lei dos lobisomens desde o começo do mundo.

- Seu Marcelino, dizem que dentada de lobisomem só sara se lavar com leite de peito?

- A verdade! E se a mulher que forneceu o leite for falsa ao marido, o doente morre contando a história da traição para quem quiser escutar. Muita mulher safada, por estes buracos de sertão, só tem sido descoberta por causa de dentada de lobisomem. Também, depois disto, nem adianta negar, porque ninguém é doido para desmentir um cristão que está com um pé na terra e o outro no juízo final.

Não sei que fração de verdade trabalha nas coisas autobiográficas que Marcelino Calça Preta divulga, todas as noites, nos ajuntamentos do alpendre.

- Não afrontando quem mais viveu...

E desanda a fazer pabulagem. Já foi seringueiro e choveu balas sobre os índios Pacaas Novas, nas várzeas do Rio Mamoré. Viu a cidade de Londrina rachar a terra do café para amanhecer adulta. Soldado de polícia em três Estados, caçou pistoleiros protegidos de políticos na Chapada do Apodi, ajudou a afogar gatu-nos irrecuperáveis na bruteza noturna do Rio Negro, em Manaus, perseguiu contrabandistas do cabelo de fogo no Cais do Ver-o-Peso, no Pará. Servente de pedreiro em Brasília, guarda de construção no Rio de Janeiro, fala, quando quer, uma língua diferente da nossa, carregada de ss e de uais. Mofino na enxada e sem vocação para enfrentar a paulama que rasga o gibão de couro de Manuel Mombaça, sabe desembaraçar recado como ninguém. É bem falante na frente das autoridades, além de outras serventias mais obsequiosas, como essa de me convencer a dar morada a Maria das Sete Negras, viúva afamiliada, carecida de amparo.

Maria das Sete Negras ficou reconhecida ao caboclo e, hoje, aceita o que ele manda, sem discutir.

- Também, só peço aquilo que é muito legalzinho, - justifica ele a autoridade que tem sobre a velha lavadeira. Quem pisa no meu rastro não cai em mundéu, Dona Maria. Um freguês que nem eu, corrido no mundo, com fama na polícia de três Estados, já conhece o segredo da abelha e, pelo "tô fraco", vai em cima do ninho escondido das capotas... Não agravando doutor de anel, o bicho aqui é pesado nas canetas. Já vi dinheiro que cabra besta não conta. Fiquei com a venta afilada assim de cheirar moça galante. Mas, hoje em dia, só quero ajudar os outros, porque o céu é alto! Quem fez muito pecado gostoso neste mundo precisa praticar as obras de misericórdia.

Foi Marcelino Calça Preta quem teve a idéia de alfabetizar as sete negras novas, com vistas às próximas eleições. As meninas já ferram o nome, sabem rabiscar "Exmº Sr. Juiz Eleitoral da 40ª Zona", faltando apenas o teor do requerimento. As duas mais jovens não têm ainda a idade da lei, mas, numa conversa baixa com o Dr. Tavares, ficou acertado que elas entrarão para o registro civil com os janeiros eleitorais, garantidos pela fatura dos seios e pelo testemunho de Quincas Rodrigues e Diomar Rosado,

homens que fazem qualquer negócio pelo bem do partido. O juiz é nosso. A oposição sabe, mas não berra. Adversário aqui come urubu sem tempero e chama gata “minha tia”. Faz de um pé dois rastros para ganhar o dinheiro dos impostos e rende homenagem ao destacamento policial.

Um dia, Marcelino Calça Preta ficou importante e andou pela cidade insinuando a minha candidatura a prefeito da terra que me viu nascer. Achei bonito o palavrório. Chegava aos botequins do mercado, esmurrava o balcão e encomendava a bebida.

- Cachaça, Marcelino?

- Que cachaça, homem! Você não é besta, não? Estará falando com gente esgulepada? Cerveja! Cerveja, da ferveadeira, para todos os cabras aqui presentes. Estes bodegueiros daqui estarão me tomando por mundiça? Se é por dinheiro, está aqui. Dinheiro como folha de pau. E hoje não é nada... O patrão é candidato a prefeito desta bolacha e, quando ele ganhar, sapo cururu vai pedir balsa, para não morrer afogado em cerveja por estas ruas. A fumaça do foguetório vai cobrir o sol, não ofendendo a Deus, Nosso Senhor, que é dono da luz.

A cabroeira espumou os copos até alta noite, entre vivas e promessas de grandezas administrativas. A cidade inteira arregalando os olhos, com a farra e a candidatura.

A notícia ganhou corpo, o diretório do partido veio à fazenda, para sondagens. Conversa jeitosa, pisando em ovos. Havia compromisso com outro candidato. Eu podia esperar, lealdade partidária era mesmo dos homens de capricho e coisa e tal.

Ainda hoje estou sem saber por que desmenti a candidatura com aquele corpo mole, fazendo beijo, olhando uma revoada de marrecas que rodava lá no céu alto. Os adversários farejaram desgosto na movimentação da estrada da fazenda e se alvorocaram para tirar vantagem da situação nova. Meu nome, em letras grandes, nos jornais da Capital: o homem está vira não vira. Pelas dúvidas, um deputado do governo se largou de lá num avião, que desceu levantando poeira e gente no aterro da Lagoa da Estação.

Antes de qualquer entendimento, o deputado me apresentou papéis que assinei meio desconfiado, porque não me deram tempo de ler direito. Explicou-se depois que se tratava do

requerimento de um açude, a ser construído em minhas terras, em cooperação com o Estado.

Sabido como trinta, o homem que faz leis lembrou que nem havia necessidade de construir outro açude. Bastava tirar fotografia do aguão ali em frente e enviar à Secretaria de Obras Públicas. O deputado trazia, também, o assim seja do titular da pasta e não me seria preciso pagar a gorjeta do fiscal que ia dar o novo açude por construído.

- É uma pequena recompensa do partido. Serviços relevantes. É justo, muito justo. Quem tem governo... é isto. Quem não pode se sacode. Acredite o prezado correligionário que, quando sobem, os nossos adversários não deixam pedra sobre pedra. Dívidas astronômicas, leis de apadrinhamento, o diabo! E de estarrecer a desfaçatez, a falta de patriotismo dessa gente. Fizem, no governo passado, uma verdadeira pilhagem. Ainda hoje, políticos eminentes da oposição têm tratores do Estado em suas propriedades... Daí as limitações que ainda sofremos para ajudar os amigos. Estamos arrumando casa... Bom, satisfeito?

Recebi o dinheiro sem os embaraços do primeiro, anos atrás, e só um sentimento de importância, deixado pelas atenções do deputado, me impediu de agradecer a Marcelino Calça Preta a sutileza da manobra. Verdade é que não pensara em mudar de partido nem pedira nada. Os doutores lá de cima é que viram esse perigo e entenderam que ele se conjura com dinheiro. E assim que fabricam fidelidade na Capital. Aqui, é no respeito à tradição e na vergonha de ser vira-casaca.

No dia em que recebi a dinheirama do Estado, custeei o samba e a carraspana dos moradores, que sentiram, na ocasião, o acerto de se dar morada à Maria das Sete Negras. As pretas, algumas com estágio em cozinhas da Capital, treinadas em gafieiras quentes, sustentaram a danação do forró, até o quebrar da barra... Otília das Sete Negras estava uma doidice, no vestido novo que lhe mandei por intermédio de Marcelino Calça Preta. Era possível enxergar o caboclo por trás de toda aquela animação da fazenda. Na manhã seguinte, os olhos vermelhos de poeira e sono, até Manuel Mombaça parecia mais permeável a sua amizade. Marcelino passou, o negro lhe ofereceu fumo de mascar.

- Agradecido, seu Manuel. Não vê que não gosto de fumo. Uma escumazinha de cerveja numa alegria de rico, uma pingazinha. numa festa de fim-d'água, ou numa sentinela de defunto de gente da gente, bebendo sem despotismo, para depois não haver orapra-que-fiz isto, ainda vai. Mas não tenho outro vício. Não gasto fumo, não jogo, não tomo café. Mulher mesmo, seu Manuel... Pois estou ficando enjoado. Mulher já me comeu muitos possuídos nesta vida! Mas, hoje, o que eu quero é futurar alguns bichos de ferra, que é o que garante a gente, Nosso Senhor não determinando uma seca. O freguês vende qualquer boizinho, e está aí a roupa nova, o chapéu de massa, a água-de-cheiro, a alpercata de rabicho e o homem lorde. Pra que melhor? Mas, quem quer fazer fortuna precisa evitar balcão de bodega, bicho de fala fina, e andar de olho grelado no céu, para ver se a descida dos urubus não foi em cima do umbigo do bezerro novo.

Marcelino Calça Preta deitara no chão o feixe de capim dos bezerros e procurava esgalhar-se na confiança imprevista recebida do negro, comumente escarpado. Sujeito de conversa curta, Manuel Mombaça viu naquela verbosidade um sinal de malandragem e voltou à desconfiança anterior. Só gostava de homem com vícios e pouco falador. Para falar, basta ter fôlego.

- Os bezerros estão com fome.

- A verdade, - concordou Calça Preta, retomando o feixe de capim, o pensamento na fumaceira do esterco do curral, num certo amanhecer...

Aborrecimento. Zoeira na cabeça, depois de uma noite em claro. Sei que hoje estou capaz de tacar o diabo num por qualquer poucagem. Amarrotei o jornal, com raiva, mas, a todo instante, procuro os óculos para reler a notícia, examinar detalhes da fotografia. Não há erro possível. Manuel Ferreira de Assis, o "Mão-de-Chave"; ora, me compre um bode! As mesmas sobrançelas falhadas, o nariz quebrado para a esquerda, sobre a boca reentrante. Arrombador perigoso, perseguido pela policia! Então, a desconfiança de Manuel Mombaça... Negro conhecedor do mundo! De qualquer maneira, isto é desgraça para merecer insônia. Todo o mundo satisfeito com o caboclo... e aparece esta. Praga de homem jeitoso para lambar um eleitor! Por obra de suas

artes, vou lascando o prestígio eleitoral dos Moquecas, aqui no distrito, e Otília das Sete Negras começa a reconhecer que os patrões merecem mesmo certas homenagens. Sujeito de muitos préstimos. É um língua como poucos. Conta histórias de soldados em muito “teje preso!” encrencado, e tão bem, que a gente vê os malfeitores caírem ciscando, sob o porrete da autoridade. Um cinema para os moradores.

- Homem, não afrontando quem mais viveu...

E agora? Manue! Mombaça fareja a minha preocupação, pigarreia e vai encarapitar-se na porteira do curral, o olhar perdido nos azulamentos da Serra Grande. Foi cangaceiro na juventude, é um exemplo na melhoria dos limites da fazenda e tem as mãos tortas de derribar novilhos pelo rabo, nas vaquejadas de fim-d’água. Tem esperança de que, um dia, saia a ordem para execução de um malfeito qualquer.

Olho para as mãos, sujas da tinta do jornal. Entregar Marcelino Calça Preta às autoridades? Os Moquecas ficarão espalhando por aí que não tenho mais força nem para guardar um cabra na fazenda. Dirão que acoito gatunos, se mostrar essa força, tão natural em quem está por cima, na política. Dilema de mil e seiscentos diabos! É preciso pensar, para não fazer besteira. Mas acho que não posso mais dispensar os serviços de Marcelino Calça Preta...